

A EDUCAÇÃO ESCOLAR: UMA POSSIBILIDADE REAL DE COMBATE AO PRECONCEITO DE IDENTIDADE DE GÊNERO

Luciana do Carmo Ferreira – UFMS – lu_dcf@hotmail.com

Dr^a. Inara Barbosa Leão – UFMS – inarableao@hotmail.com

Lívia Gomes dos Santos – UFMS – liviagomess@hotmail.com

Jeferson Renato Montreozol – UFMS – jeff_brother2003@hotmail.com

Priscilla Soares Teruya – UFMS – pripocona@hotmail.com

A escola destaca-se como importante meio na formação de conhecimentos, comportamentos e valores presentes nas interações entre os sujeitos, sendo uma das instituições que tem papel determinante no processo de constituição da subjetividade, pois através da transmissão da cultura durante a educação formal ela visa produzir um determinado tipo de homem.

Os indivíduos se constituem nas relações sociais, assim, o modo como o outro vê o sujeito é fundamental para o modo como o sujeito vê a si próprio. Portanto os grupos são de suma importância no processo de aprendizagem, bem como para a constituição da identidade, pois as interações que se estabelecem socialmente proporcionam experiências variadas, desenvolvendo aspectos da consciência.

Isso significa que, através da escola, o sujeito apreende as formas como a sociedade na qual ele está inserido estabelece como as relações sociais devem ser constituídas, como o trabalho se organiza, como o sujeito deve se portar frente à determinada situação, enfim, como ele deve se inserir na realidade à sua volta, construindo uma representação subjetiva do mundo, que lhe permite lidar com a materialidade.

Leontiev (2005) explica que o desenvolvimento psicointelectual da criança realiza-se no processo de interação com o ambiente natural e social, onde a escola tem um papel fundamental na constituição da identidade e dos conceitos criados socialmente. Segundo Leontiev, “quanto mais progride a humanidade, mais rica é a prática sócio-histórica acumulada por ela, mais cresce o papel específico da educação e mais complexa é a sua tarefa” (LEONTIEV, 2004, p. 291).

A escola, enquanto atividade principal dos alunos, tem papel fundamental na formação da subjetividade destes, mas não exclusivo. É importante destacar que cada indivíduo vive inserido em diferentes contextos histórico-culturais, com características genéticas e neurofisiológicas peculiares. Estas peculiaridades é que diferenciam um indivíduo de outro e que determinam uma diversidade de comportamentos, que devem ser compreendidos e trabalhados dentro do ambiente escolar.

No mesmo espaço físico, convivem pessoas de diferentes raças, etnias, credos e orientações sexuais. São indivíduos inseridos em variados contextos econômicos, sendo alguns, portadores de deficiências físicas. Num ambiente com tanta diversidade, numa sociedade que costuma traçar parâmetros de normalidade, o preconceito às minorias e as atitudes discriminatórias por parte de alunos, pais e mesmo professores, são riscos reais.

O preconceito dentro da escola tem sido muito debatido nos últimos anos. Iniciativas que visam facilitar a inserção e a permanência dos discriminados no ambiente escolar, suscitam discussões sobre a pobreza, a situação do negro, do índio e dos portadores de deficiência física. Entretanto pouco tem sido feito na questão do preconceito de identidade de gênero.

Em 1997 o Ministério da Educação, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) ofereceu, mesmo que timidamente, às escolas, a possibilidade de

trabalhar orientação sexual com seus alunos. De acordo com Ribeiro, “Enquanto a escola aumentou, nos últimos anos, discussões sobre discriminação racial, gravidez na adolescência, AIDS, em relação ao homossexualismo não houve avanços significativos” (RIBEIRO, 2008, p. 3).

Uma pesquisa divulgada recentemente pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP) com base em entrevistas feitas com 18,5 mil alunos, pais, professores, diretores e funcionários, de 501 unidades de ensino de todo o país, demonstrou que, nas escolas públicas brasileiras, 87% dos entrevistados – sejam alunos, pais, professores ou servidores – têm algum grau de preconceito contra homossexuais (AGÊNCIA BRASIL, 2009).

Estes dados corroboram os resultados de outras pesquisas de grande porte como a realizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em 2004; e outra pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), a pedido do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INPE), em 2009, com pequenas variações nas estatísticas, mas demonstrando a mesma tendência.

É interessante ressaltar a participação nessas pesquisas, de instituições ligadas à economia. A questão do preconceito repercute claramente no mundo produtivo. Com o neoliberalismo, uma das principais funções da escola, passou a ser preparar a mão-de-obra que será inserida no mercado de trabalho, conforme as necessidades do mundo produtivo. Atitudes discriminatórias impactam negativamente no aproveitamento escolar. Com uma qualificação inadequada, milhões de indivíduos não estarão aptos a disputar postos de trabalho. Além de aumentar as fileiras de desempregados, estes sujeitos e suas famílias perdem a capacidade de consumir, o que pode levar a diminuição da produção. O equilíbrio entre formação de mão-de-obra de reserva e produção é essencial para manutenção do sistema capitalista.

Independentemente do sistema vigente, existem indícios de que a homossexualidade existe desde a pré-história. O que tem mudado no decorrer destes anos, são os parâmetros de normalidade vigentes na sociedade em relação à homossexualidade.

Segundo Ribeiro (2008) no mundo antigo, a bissexualidade era socialmente aceita e a homossexualidade era considerada natural. Dados mostram evidências de práticas e rituais de iniciação homossexuais entre idosos e jovens, os quais também existiram na Grécia, em Roma e outros povos. Posteriormente “Através de dados históricos podemos notar como o preconceito contra o homossexual, foi gradativamente marcado por constantes mudanças sociais” (RIBEIRO, 2008, p. 3).

A sociedade sofre modificações em suas formas de organização social, econômica, cultural e política de acordo com cada momento histórico da humanidade, reorganizando conceitos, normas, leis e parâmetros de comportamentos considerados normais ou não para cada época.

Embora diversos estudos estejam demonstrando o quanto temos que avançar na questão do preconceito de identidade de gênero, alguns acontecimentos são positivos. Em 1973 a American Psychiatric Association retirou a homossexualidade da lista de distúrbios mentais. Em 1980 foi retirada da Classificação Internacional de Doenças pelo Conselho Federal de Medicina, em 1990 pela Organização Mundial de Saúde e em 1998 pelo Conselho Federal de Psicologia.

Ainda há muito a ser feito, pois a vinculação da sexualidade ao campo religioso, médico e psicológico de outros tempos, ainda se reflete, na atualidade, na proposição de questões acerca do tema no campo educacional, principalmente na abordagem relativa à homossexualidade. Esta visão ultrapassada da homossexualidade como uma doença ou

um desvio da normalidade, tem sido usada por alguns educadores, para tentar aplacar posições mais radicais de alunos e pais, mas acaba impactando a idéia que o homossexual é anormal ou doente.

A escola é considerada como principal instituição educacional, onde práticas de combate ao preconceito são mais viáveis, contudo os professores precisam estar preparados para trabalhar o tema da homossexualidade.

Quanto mais tarde este preparo for dado, menos efetivos os resultados, uma vez que no ambiente escolar, os professores estão envolvidos com as atividades de ensino e o planejamento das aulas, o que despande tempo e atenção destes profissionais. Assim sendo, este preparo deve ser realizado progressiva e precocemente, já na base de formação dos profissionais que trabalham dentro das escolas.

A dificuldade de lidar com essa temática vem da sua própria gênese. O preconceito tem como ponto de partida, uma generalização superficial, baseada em um juízo preconcebido. Ele é formado a partir de crenças e não de conhecimento, por isso, escapa a qualquer questionamento fundamentado em um argumento ou raciocínio.

O preconceito existe desde os primórdios da humanidade e os focos ou vítimas que ele contempla, variaram muito no decorrer da nossa história. Apesar de não ter um embasamento lógico, ele é transmitido como uma patologia contagiosa, ancorado em fenômenos sócio-culturais complexos e dinâmicos.

Esse distanciamento da racionalidade é que torna tão difícil o combate ao preconceito e às práticas discriminatórias. Muito tem sido feito por poucos, e alguns avanços podem ser identificados como é o caso das conquistas profissionais das mulheres e dos avanços na legislação em relação à questão racial. A luta contra outros preconceitos, entretanto, esbarram em questões religiosas e culturais, que dificultam o avanço das discussões sobre temas importantes como, por exemplo, a sexualidade humana.

Preconceito de identidade de gênero, contra a homoafetividade, contra a homossexualidade ou homofobia, são termos usados para denominar o preconceito contra indivíduos que tenham a orientação sexual diferente da heterossexual. Independente da denominação mais ou menos elaborada é um dos tipos de preconceitos mais comuns em nossa sociedade na atualidade.

Os homossexuais são vítimas freqüentes de violência física, mas as atitudes preconceituosas nem sempre são tão explícitas e muitas vezes são veiculadas na mídia, sob o disfarce de humor. Veladas ou não, estas atitudes ridicularizam o homossexual e disseminam esta imagem deturpada para toda a sociedade, com repercussões perturbadoras, como nos mostra Ribeiro:

Pejorativamente, são essas tecnologias midiáticas que elaboram um discurso homofóbico ao fazerem piadas em programas de televisão, na organização de sites preconceituosos da Internet, na publicação de artigos discriminatórios em revistas mensais, etc. Também se tem conhecimento da evasão escolar, ou casos extremos de rejeição que acabam em suicídio de alunos que são pegos ou denunciados pelos colegas como homossexuais (RIBEIRO, 2008, p. 2).

Como visto anteriormente, o preconceito de identidade de gênero no ambiente escolar tem sido demonstrado claramente por diversas pesquisas importantes como a da UNESCO em 2004 e da FEA-USP em 2009. As atitudes preconceituosas levam ao distanciamento do homossexual de seu grupo social (alunos), interferindo desta maneira, nos processos de interação tão necessários para a construção da subjetividade. Sobre esse assunto Madureira nos diz:

O preconceito traz implicações no plano das interações sociais e no plano subjetivo, na forma como o sujeito vivencia, em termos cognitivos e afetivos, as suas experiências cotidianas, organiza a sua compreensão sobre si mesmo e sobre o mundo social em que está inserido (MADUREIRA, 2007, p. 87)

As relações conflituosas no contexto escolar influenciam no comportamento do aluno discriminado, podendo causar dificuldades no processo de aprendizagem e baixo rendimento escolar. Não basta apenas que os professores constatem o aproveitamento inadequado de um determinado aluno. As causas devem ser identificadas e os educadores precisam estar preparados para lidar com questões complexas como a homossexualidade. Segundo Ribeiro:

Quando se trata de homossexualidade no ambiente escolar, fica evidente que professores, orientadores e pais ainda não estão preparados para lidar com o tema. As dúvidas dos jovens vão além da informação, passando por experiências de vida pessoal, íntima, sendo que os professores se sentem, muitas vezes, constrangidos de tomarem uma posição. A escola ainda mostra certa ignorância sobre a sexualidade, ela que deveria ser um lugar de construção do conhecimento, produz, o seu ocultamento, evidenciando também negligência em relação ao tema, que se apóia em mitos baseados na heterossexualidade. (RIBEIRO, 2008, p. 8).

A constatação de índices tão altos de preconceito no ambiente escolar, tanto por parte de alunos, como por seus pais, orientadores e professores, associada ao despreparo destes profissionais em lidar com a temática da homossexualidade, suscita a discussão de formas de intervenção que modifiquem essa realidade.

Finalizando, gostaria de provocar uma reflexão com as palavras de Albert Einstein, que já nos dizia: “Triste Época. É mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito”.

05. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA BRASIL. EBC Empresa Brasil de Comunicação. **Pesquisa revela que 87% da comunidade escolar têm preconceito contra homossexuais.** 24 de jul. 2009. Disponível em: <http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2009/07/23/materia.2009-07-23.4279036055/view>. Acesso em: 27 de Julho de 2009.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: Uma Introdução ao estudo de Psicologia.** 13ª ed. reform. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2002.

FIPE. Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas. **Pesquisa Sobre Preconceito e Discriminação no Ambiente Escolar.** 17 de jun. 2009. Disponível em: http://www.alealmeida.com/Pesquisa_diversidade_sumario.pdf. Acesso em: 02 de agosto de 2009.

LEÃO, Inara Barbosa (Org.). **Educação e Psicologia: Reflexões a partir da teoria sócio-histórica.** Campo Grande: Editora da UFMS, 2003.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do Psiquismo**. Tradutor Rubens Eduardo Frias. 2ª Edição. São Paulo: Centauro, 2004.

LEONTIEV, A.; et al. **Psicologia e Pedagogia**: Bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. Tradução de Rubens Eduardo Frias. 4ª Edição. São Paulo: Centauro, 2005.

MADUREIRA, A.F.A.; BRANCO, A. U. **Identidades sexuais não-hegemônicas: processos identitários e estratégias para lidar com o preconceito**. Psicologia, Teoria e Pesquisa, v. 23, p. 81-90, 2007.

RIBEIRO, A. I. M.; FRANCINO, Andréa Cristina . **A Leitura que se Faz da Homossexualidade na Escola**. In: 16º COLE - Congresso de leitura do Brasil, 2008. Anais do 16º COLE - Congresso de leitura do Brasil. v. 1. p. 1-10. Disponível em: http://www.alb.com.br/anais16/sem03pdf/sm03ss15_04.pdf. Acesso em: 04 de agosto de 2009.

UNESCO. **Juventudes e Sexualidade**. Abramovay, M. (Org.). Brasília: 2004. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133977por.pdf>. Acesso em: 14 de Julho de 2009.